

A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação 2

Daniel Carvalho de Matos
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2020

A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação 2

Daniel Carvalho de Matos
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Lilians Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P974 A psicologia em suas diversas áreas de atuação 2 [recurso eletrônico] / Organizador Daniel Carvalho de Matos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-924-0

DOI 10.22533/at.ed.240201601

1. Psicologia. 2. Psicólogos. I. Matos, Daniel Carvalho de.
CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação 2” é uma obra que agrega contribuições de profissionais e pesquisadores de várias instituições de referência em pesquisa do país. A Psicologia representa uma área do conhecimento que se caracteriza por uma diversidade de abordagens, ou perspectivas, com objetos de estudo bem definidos e procedimentos direcionados a várias questões humanas, buscando sempre assegurar o comprometimento com a promoção de qualidade de vida.

A obra foi organizada em seis sessões, reunindo capítulos com temas em comum. A primeira sessão compreende produções sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outros casos de desenvolvimento atípico. São abordados os seguintes assuntos: Avaliação de nível intelectual; comportamentos problemas; ensino de repertórios não verbais e verbais; educação inclusiva; papel do psicólogo escolar na inclusão escolar; prevenção do TEA.

A segunda sessão é dedicada ao desenvolvimento infantil. São abordadas as seguintes questões: “Adultização” da infância e formação do psiquismo; manejo de conflitos entre educadores e pais sobre formas de educar; manejo de comportamentos agressivos de criança; efeitos da equoterapia sobre modificação de comportamentos de agressores do bullying. A terceira sessão focou em psicoterapia sob diferentes perspectivas em psicologia, destacando os temas: Supervisão como parte de um processo psicanalítico; estudo de caso da Abordagem Centrada na Pessoa, estabelecendo a relação psicoterapeuta-cliente como favorecedora de um processo de autorrealização; caracterização das três ondas das terapias cognitivas e comportamentais e tratamento de transtornos mentais.

A quarta sessão apresenta contribuições da Psicologia quanto a possíveis questões identificadas na adolescência, destacando-se prevenção de suicídio e transição de gênero com promoção de autoconhecimento. A quinta sessão destaca o papel da Psicologia quanto a possíveis questões da gravidez, como prevenção de depressão na gravidez e intervenções da Terapia Cognitivo Comportamental para amenizar o sofrimento associado a um processo de aborto espontâneo.

A sexta sessão dedica-se a apresentar outras áreas de atuação do psicólogo, com ênfase nos seguintes temas: Análise da percepção de usuários de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) em relação a oficinas terapêuticas; análise do perfil comportamental de estudantes universitários, a fim de favorecer reflexões sobre o papel da Universidade na condução do processo ensino-aprendizagem; apresentação da Psicologia do Trânsito voltada para processos de avaliação de motoristas e, também, buscando a compreensão do comportamento para prevenção de tragédias no trânsito.

A Psicologia é diversidade e tem um compromisso social com a promoção de qualidade de vida. Que todos os interessados tenham uma excelente experiência de aquisição de conhecimento.

SUMÁRIO

PROCESSOS DE AVALIAÇÃO, INTERVENÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E OUTROS CASOS DE DESENVOLVIMENTO ATÍPICO

CAPÍTULO 1 1

QUAL A INFLUÊNCIA DO QI NOS PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO INFANTIL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE LINGUAGEM?

Beatriz Alves
Fernanda Chequer de A. Pinto Jacy
Perissinoto
Marcia Regina Fumagalli Marteleto
Michele Azevedo e Silva
Rebeca Rodrigues Pessoa
Ruth Nogueira da Silva Rodrigues
Veronica Pereira do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.2402016011

CAPÍTULO 2 14

ENSINO DE REPERTÓRIO DE OUVINTE E INTRAVERBAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Daniel Carvalho de Matos
Ingrid Naiany Carvalho da Cruz
Abigail Cunha Carneiro
Pollianna Galvão Soares de Matos

DOI 10.22533/at.ed.2402016012

CAPÍTULO 3 27

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A DIALÉTICA DA EXCLUSÃO

Jerry Wendell Rocha Salazar
Marília Rosa Bogea Silva
Sheila Cristina Bogea dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.2402016013

CAPÍTULO 4 38

O FAZER DO PSICÓLOGO ESCOLAR NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO

Izabel Cristina Pinheiro da Cruz Miranda
Pollianna Galvão Soares de Matos
Daniel Carvalho de Matos

DOI 10.22533/at.ed.2402016014

CAPÍTULO 5 51

O SEMBLANTE: O EDUCADOR E A EDUCAÇÃO ESTRUTURANTE MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE NA PREVENÇÃO DO AUTISMO

Dorisnei Jornada da Rosa
Andrea Gabriela Ferrari

DOI 10.22533/at.ed.2402016015

DESENVOLVIMENTO INFANTIL E DESAFIOS: FORMAÇÃO DO PSQUIISMO, EDUCAÇÃO EMANEJO DE COMPORTAMENTOS INDESEJÁVEIS

CAPÍTULO 6 63

A “ADULTIZAÇÃO” DA INFÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

Débora Kelly Duarte da Silva
Isabella Karen Borges dos Santos
Mauricio Cardoso da Silva Junior

DOI 10.22533/at.ed.2402016016

CAPÍTULO 7 70

CONFLITOS ENTRE PAIS E EDUCADORES DE CRECHES: MANEJOS A PARTIR DA RELAÇÃO COM O SABER SOBRE O EDUCAR NA INFÂNCIA

Mariana Rodrigues Anconi

DOI 10.22533/at.ed.2402016017

CAPÍTULO 8 79

AGRESSIVIDADE MANIFESTA EM SALA DE AULA EM CRIANÇA DE SEIS ANOS: UM ESTUDO DE CASO

Maria Januária Silva Wiezzel

DOI 10.22533/at.ed.2402016018

CAPÍTULO 9 91

A UTILIZAÇÃO DO CAVALO PARA FINS TERAPÊUTICOS AOS AGRESSORES DO BULLYING

Fabrine Niederauer Flôres
Renata Souto Bolzan
Aline Cardoso Siqueira
Suane Pastoriza Faraj

DOI 10.22533/at.ed.2402016019

A PSICOTERAPIA A PARTIR DE DIFERENTES PERSPECTIVAS EM PSICOLOGIA

CAPÍTULO 10 100

A IMPORTÂNCIA DA SUPERVISÃO PSICANALÍTICA:ASPECTOS TEÓRICOS E TÉCNICOS

Juliano Bernardino de Godoy

DOI 10.22533/at.ed.24020160110

CAPÍTULO 11 116

DA RIGIDEZ À FLUIDEZ: UM ESTUDO DE CASO NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Julia Nunes de Souza Teixeira
Ana Rafaela Pecora Calhao

DOI 10.22533/at.ed.24020160111

CAPÍTULO 12 128

EVOLUÇÃO E TENDÊNCIAS ATUAIS DAS TERAPIAS COGNITIVAS E COMPORTAMENTAIS

Claudia Cristina Novo Gonzales
Claudiane Aparecida Guimarães

DOI 10.22533/at.ed.24020160112

PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DE SAÚDE FRENTE A PROBLEMAS IDENTIFICADOS NA ADOLESCÊNCIA

CAPÍTULO 13 145

UM ESTUDO SOBRE O SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA

Anny Elise Braga

Mauricio Cardoso da Silva Junior

DOI 10.22533/at.ed.24020160113

CAPÍTULO 14 150

GRUPO PARA PESSOAS EM TRANSIÇÃO DE GÊNERO: CONSTRUINDO O PROJETO DE VIDA

Rayane Ribas Martuchi

Ticiane Paiva de Vasconcelos

DOI 10.22533/at.ed.24020160114

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA QUANTO A PROBLEMAS RELACIONADOS A GRAVIDEZ

CAPÍTULO 15 161

DEPRESSÃO NA GESTAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA

Francielen Nogueira Oliveira

Tatiane Tavares Reis

Tarcísio Pereira Guedes

Elzeni Damasceno de Souza

Angélica da Silva Calefano

DOI 10.22533/at.ed.24020160115

CAPÍTULO 16 173

A REPERCUSSÃO DO ABORTO ESPONTÂNEO NA ESTRUTURA FAMILIAR E A IMPORTÂNCIA DA TERAPIA COMPORTAMENTAL E COGNITIVO

Criziene Melo Vinhal

DOI 10.22533/at.ed.24020160116

OUTRAS POSSÍVEIS ÁREAS DE ATUAÇÃO PARA O PSICÓLOGO: CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL, ORGANIZAÇÕES E TRÂNSITO

CAPÍTULO 17 181

O SARAU – PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS DO CAPS CIDADE

Dalton Demoner Figueiredo

Chander Rian De Castro Freitas

Viviane Vale Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.24020160117

CAPÍTULO 18	198
PERFIL COMPORTAMENTAL DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE UMA UNIVERSIDADE DO RS	
Bruna Benetti	
Larissa Rodrigues Ferrazza	
Nádyá Antonello	
Eliara Piazza	
Claudia Aline De Souza Ramser	
DOI 10.22533/at.ed.24020160118	
CAPÍTULO 19	216
MITOS E VERDADE SOBRE A PSICOLOGIA DO TRÂNSITO	
Sandra Cristina Batista Martins	
Lélia Monteiro de Mello	
Vanessa Jacqueline Monti Chavez	
DOI 10.22533/at.ed.24020160119	
SOBRE O ORGANIZADOR	223
ÍNDICE REMISSIVO	224

GRUPO PARA PESSOAS EM TRANSIÇÃO DE GÊNERO: CONSTRUINDO O PROJETO DE VIDA

Data de aceite: 08/01/2020

Rayane Ribas Martuchi

Centro Universitário Salesiano de São Paulo –
UNISAL, curso de Psicologia
Campinas – SP

Ticiane Paiva de Vasconcelos

Centro Universitário Salesiano de São Paulo –
UNISAL, curso de Psicologia
Campinas – SP

RESUMO: O trabalho apresentado consiste em uma pesquisa-intervenção cuja principal atividade foi a facilitação de Projeto de Vida voltada para as pessoas em transição de gênero, por entender que nesta população ocorrem intensas transformações físicas e subjetivas, exigindo, portanto, autoconhecimento e planejamento para esta nova etapa. O local de realização da pesquisa foi o Centro de Referência de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (CR LGBT), da cidade de Campinas-SP. Projeto de Vida como metodologia, abrange as dimensões: Relacionamentos Afetivos; Estudo; Trabalho; Aspirações Positivas; Bens Materiais; Religião/Espiritualidade e Sentido da Vida. Por meio da facilitação de um grupo de onze pessoas de 17 anos em diante, foram realizados 5 encontros

em que se utilizou atividades grupais, visando a promoção de autoconhecimento; percepção de si e do outro; valores; sentido de vida e projeções futuras. Os resultados apontam para busca de sentido de vida; religião e espiritualidade como fonte de compreensão da transexualidade; dificuldades de inserção no mercado de trabalho; rompimento de vínculos familiares; contexto social permeado de violências ocasionando em sofrimento psíquico e ideação suicida; necessidade de obtenção da passabilidade cis; busca por empoderamento pessoal e coletivo. Concluímos que, em relação ao projeto de vida, as pessoas desse grupo almejavam adequação corporal; aquisição de bens materiais e financeiros e felicidade. Aponta-se a necessidade de mais pesquisas intervencionistas como recurso de oferecimento de espaços de convivência, trocas de experiências, escuta e acolhimento.

PALAVRAS-CHAVE: Grupo. LGBT. Transição de gênero. Projeto de vida. Psicologia.

GROUP FOR PEOPLE IN GENDER TRANSITION: BUILDING A LIFE PROJECT

ABSTRACT: This paper consists of an action-research whose main activity was the facilitation of life project aimed at people in gender transition, understanding that, in this population, intense physical and subjective

transformations occur, thus requiring self-knowledge and planning for this new stage. The place of the research was the Centro de Referência de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (CR LGBT), from Campinas-SP. However, the life project, as a methodology, encompasses the following dimensions: Education; Career; Positive aspirations; Material Goods; Religion/Spirituality and Life purpose. Through the facilitation of a group of eleven people from 17 years onwards, 5 meetings were held in which group activities were used, aiming at the promotion of self-knowledge; perception of self and others; values; life purpose and future projections. The results point to the search for meaning of life, religion and spirituality as a source of understanding transsexuality; difficulties in entering the job market; breaking of family bonds; social context permeated by violence leading to psychic suffering and suicidal ideation; the need to obtain the passing privilege; search for personal and collective empowerment. We conclude that, in relation to the life project, the participants aim for body adequacy; acquisition of material and financial goods and happiness. Further, we point out the need for more action researches as a resource to offer spaces of coexistence, exchange of experiences, listening and support.

KEYWORDS: Group. LGBT. Gender Transition. Life Project. Psychology.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em uma pesquisa-intervenção cuja principal atividade foi a facilitação de Projeto de Vida voltada para as pessoas em transição de gênero. Os objetivos deste trabalho foram investigar elementos da experiência de transição de gênero; conhecer os desafios vivenciados por pessoas trans em relação a si mesmas (sentido de vida, valores, imagem corporal) e ao outro (reconhecimento social, relacionamentos, família); elucidar aspectos relevantes das dimensões do Projeto de Vida.

Arán e Murta (2009) pontuam que a experiência da transição de gênero é percebida em um contexto de movimento, incessante negociação entre sentimentos, aparência externa e percepção de si. Os questionamentos das categorias binárias de gênero que desafiam as normas do que é tido como masculino ou feminino, compõem este período de intensas e radicais transformações sobretudo na busca cotidiana de uma nova forma de reconhecimento social.

A partir do contato com a experiência de pessoas trans e aprofundamento teórico na literatura, a proposta de facilitar Projeto de Vida com este público se deu por compreender que a transição de gênero requer autoconhecimento e planejamento para esta nova etapa.

Damon (2009) e Bronk (2014) citado por Dellazzana-Zanon e Freitas (2015), destacam que projetar-se para o futuro por meio de um Projeto de Vida traz benefícios para o indivíduo, como realização, satisfação pessoal e profissional. O fator de proteção da construção de Projeto de Vida é voltado para possíveis comportamentos de risco,

autodestrutivos e resiliência para enfrentamento de momentos difíceis, gerando bem-estar físico, psicológico e elevação da autoestima.

Este trabalho apresentará a metodologia utilizada nessa pesquisa e após descrever a estruturação elaborada, traremos a discussão dos resultados que surgiram a partir dos encontros. Com isto, buscou-se correlacionar os estudos já realizados anteriormente com pessoas em transição de gênero em diversos contextos. Por fim, as considerações finais situaram o potencial terapêutico presente no grupo, bem como o lugar ocupado pela estagiária na facilitação do processo grupal.

2 | MÉTODOS

Projeto de vida tem sido interesse bastante recorrente na Psicologia, embora não seja temática recente. Em síntese, para autores contemporâneos e clássicos, a formulação de um Projeto de Vida está vinculada com a adolescência por ser período fértil do desenvolvimento humano e fase de transição (ERICKSON, 1968/1976; PIAGET & INHELDER, 1955/1976; ALMEIDA & CUNHA, 2003; MARTINS, TRINDADE & ALMEIDA, 2003; BREMM & BISOL, 2008; DAMON, 2009 apud DELLAZZANA-ZANON & FREITAS, 2015).

Projeto de Vida (DELLAZZANA-ZANON & FREITAS, 2015), como metodologia, abrange as dimensões: Relacionamentos Afetivos; Estudo; Trabalho; Aspirações Positivas; Bens Materiais; Religião/Espiritualidade e Sentido da Vida. Estas dimensões foram estruturadas em encontros quinzenais com duração média de 3h, através de atividades grupais voltadas à facilitação do autoconhecimento, de constituição de si, de valores; do sentido de vida e de projeções futuras, resultando na construção de Projeto de Vida.

O local de realização da pesquisa foi o CR LGBT, serviço de assistência social da Prefeitura de Campinas, que atende demandas de média e alta complexidade voltado para a população LGBT de Campinas e região (COORDENADORIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A DIVERSIDADE SEXUAL, 2011).

Após divulgação no mural de atividades da instituição e envio de convite via redes sociais, 11 pessoas usuárias do CR LGBT manifestaram interesse voluntário. As idades variaram de 17 a 53 anos e todas estavam em transição de gênero. Foi assinado o TCLE e autorização do responsável. Os critérios de participação foram definidos tendo a idade mínima de 16 anos e exclusivamente para pessoas trans.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro encontro foi feito o levantamento de expectativa em relação ao grupo e quais as representações que cada pessoa tinha a respeito daquele espaço. Foram mencionadas questões como busca de autoconhecimento, sentido de vida, realização profissional, necessidade de troca entre os pares, possibilidades de laços afetivos.

Muitas das pessoas presentes disseram considerar aquele grupo como uma família, falaram também sobre reconstrução de si, possibilidade de minimizar a solidão.

Senti que quem estava ali buscava um espaço de trocas, empoderamento pessoal e coletivo. Pouco se falou sobre projeto de vida em si. Dessa forma, desde o primeiro encontro me preocupei em dizer-lhes o grupo não é meu, é nosso (sic). Consideração esta indispensável a meu ver, uma vez que buscava ali um espaço de trocas vivenciais baseadas na confiança. Meu objetivo foi propor atividades e a partir disso colhermos juntos os desdobramentos e reflexões para que então pudessemos pensar a nós mesmos, em toda a nossa multiplicidade.

Em muitos momentos a temática sobre o mercado de trabalho esteve presente nos encontros, referente a aflições pelas dificuldades encontradas na inserção ao mercado de trabalho, medo de preconceito e exclusão.

Pelos mesmos motivos houve relatos de adiamento do início de cursos superiores. Escolas e Universidades parecem representar espaços ameaçadores para a existência de pessoas trans, principalmente aqueles que não possuem documentos de identificação retificados e não passaram pelas cirurgias que julgam necessárias para se inserirem nesses locais de ensino.

O termo passabilidade cis foi discutido pelas pessoas do grupo como sendo o ápice da transição de gênero, ou seja, não aparentar ser trans, atingindo nível de transformações físicas em que seriam lidas como uma pessoa cisgênera. A invisibilidade da transexualidade não indica somente o sucesso da transição, mas também funciona como proteção contra preconceito e violência.

Embora a sustentação de que a transexualidade é uma experiência identitária, a capacidade de construção de sujeitos outros femininos e masculinos, há o reconhecimento da angústia e dor firmados pela subjetividade de quem sente e deseja viver contrariamente ao que é esperado socialmente, por não terem comportamentos considerados “apropriados” para seu sexo (BENTO, 2008).

A respeito dos termos cis e trans, Rodovalho (2017) traça uma metáfora “cisjordânia, região que margeia o Rio Jordão. Cisplatina, antigo nome do Uruguai, região que ocupa um dos lados do Rio da Prata. Transamazônica, o que cruza a Amazônia; transatlântico, o que atravessa o Atlântico” (p. 366). Cisalpino, transalpino. O jogo de palavras apresentado nomeia dois lados, cis, aqueles que margeiam, não cruzam; trans, aqueles que transpassam, transgridem, cruzam a fronteira invisível que separa homem de mulher.

Destarte, as pessoas não trans, chamadas cisgêneras, são pessoas que se identificam com o gênero que lhe foi designado ao nascer, o termo “cis” surge setenta anos depois do termo trans, na virada do século XXI (RODOVALHO, 2017).

A categoria da passabilidade cis é problematizada no estudo de O’Dwyer (2016) em que, embora a esse termo seja específico da comunidade trans, ainda assim não é desejo de todas as pessoas trans terem a passabilidade como objetivo.

A crítica também está presente em Rodovalho (2017) ao apontar a passabilidade

cis com a finalidade de camuflar-se da sociedade por meio do acúmulo de transformações corporais baseadas em determinado estereótipo de gênero, reconhecendo essa postura como mantenedora da transfobia. A autora discursa pela legitimidade de uma “mulheridade trans” reconhecida na própria noção de “mulheridade”, assim como a inclusão da “homenzidade trans” como “homenzidade plena”, a fim de ressignificar as palavras “mulher” e “homem”.

A indagação por que sou trans? foi buscada incessantemente, ora na ciência ora na religião, operando como forma de alívio das ansiedades geradas pela não identificação com o corpo e a cobrança da sociedade em julgá-los como indecisos, loucos ou imorais. Pareceu-me que obter essa resposta é estar respaldado com uma justificativa inquestionável que lhes tira a responsabilidade de escolha por serem como são.

A discussão gerou divisão entre posicionamentos referente a aproximação com algum tipo de crença em decorrência da transexualidade, outros, entretanto, disseram o oposto, a descoberta da transexualidade os fizeram partir para a via da racionalidade, o que corrobora para a discussão da relatividade dos fatores de proteção, ou seja, a religião e espiritualidade pode funcionar como fator protetivo para uns e o oposto para outros.

O trabalho realizado por Benedetti (2005) do qual Giongo, Menegotto e Petters (2012) narram, realizado na cidade de Porto Alegre – RS, apresentou que 89% das travestis entrevistada haviam saído de casa entre 11 e 14 anos de idade, por motivos de expulsão pelos próprios pais ou inspiradas em viver livremente sua construção identitária e corporal. Por essa premissa, as histórias das participantes denunciam a violência, prostituição, agressão, vivência nas ruas e até mesmo necessidade de pedir esmolas.

Tendo em vista o contexto de vulnerabilidade das pessoas trans no cenário nacional que perpassa variadas formas de discriminações, violências e preconceitos vivenciados, muitas vezes desde a tenra idade quando as famílias descobrem a condição de seus filhos, geralmente entre 13 e 16 anos, pessoas em transição de gênero fogem de casa (BENEDETTI, 2005, apud GIONGO, MENEGOTTO & PETERS, 2012)

Os altos índices de evasão escolar causados pelo estigma e posterior exclusão do mercado de trabalho, de acordo com Bento (2014), atingem o dado estatístico de que 90% de travestis e transexuais estão em atividade de prostituição, bem como a estimativa de vida de 35 anos para pessoas trans, menos da metade da população em geral (ANTUNES, 2010; BUSIN, 2016).

Hass e outros (2014) em estudo com a população transgênera (6.456 participantes) indica que a prevalência de tentativas de suicídio no grupo era de 41%, enquanto entre lésbicas, gays e bissexuais era de 10 a 20%, quando comparado a população em geral era menor de 9%. Nessa mesma amostra de pessoas trans, 60% não haviam recebido cuidados na área da saúde e/ou tratamento médico; 57% foram rejeitados pela família e não tinham contato com ela; 69% já estiveram em situação

de rua; de 60 a 70% sofreram assédio físico ou sexual no trabalho e 78% tiveram episódios de discriminação ou assédio físico ou sexual na escola.

O recente estudo de Silva (2016) teve como mote a identificação dos fatores associados a ideação suicida na população travesti e transexual no estado do Rio Grande do Norte. Seus resultados apontaram 41,38% de pessoas com ideação suicida (n=58).

Os temas de sofrimento psíquico e ideação suicida, já apontados na literatura como recorrentes nessa população (ANTUNES, 2010; BENTO, 2014; BUSIN, 2016; HASS et al, 2011, SILVA, 2016) também foram trazidos durante os encontros. O sofrimento psíquico de travestis e transexuais têm sua principal origem nas exclusões sociais às quais estas pessoas estão expostas (ARÁN & MURTA, 2009) contudo, foi reconhecido pelo próprio grupo, que, é internamente em que reside o maior sabotador, apontado como eles mesmos.

Quanto à relacionamentos afetivos, a transexualidade parece ser um limitador na busca de parceiros(as). Em seus discursos transpareceram sentimentos de medo de serem ridicularizados por serem trans; maior facilidade em se relacionar com alguém trans também e tratamento de pena que recebem de outras pessoas quando se dizem trans, afirmando que vão ajudá-los a achar um companheiro ou companheira.

A pesquisa de O'Dwyer (2016) revela ainda que as negociações familiares se fazem presentes em todas as entrevistadas. Há resistência por parte da família em aceitar a transexualidade, dessa forma, o apoio familiar a estas pessoas é bastante restrito quando não nulos.

Esta realidade também foi evidenciada nos discursos das pessoas desse grupo ao relatarem em muitos momentos as diversas perdas sociais e familiares em decorrência da transexualidade. A mortificação em vida, relatado por uma pessoa do grupo, compara o processo de exclusão e estigmatização que pessoas trans estão sujeitas como assistir ao seu próprio velório em vida (sic), confirmando as palavras de Jesus (2012) ao dizer que em decorrência da crença de anormalidade, historicamente as pessoas trans são estigmatizadas e marginalizadas, a este grupo é reservado a exclusão extrema, inacessibilidade a direitos fundamentais, sequer o reconhecimento e respeito por sua identidade.

Como já esmiuçado anteriormente, o reconhecimento social sobre suas identificações de gênero parece ficar como pano de fundo, quando a real barreira a ser desvencilhada é a da autoconsciência. A consciência de que talvez nunca conseguirão alcançar seus ideais de masculinidade e feminilidade atravessados pelo desejo de transformações físicas, parece ser o principal sabotador na busca da realização e sentido de vida.

A respeito das projeções futuras trabalhadas no quinto encontro, houve dificuldade em comparar os resultados dessa intervenção com outras pesquisas, que, em sua maioria abordam adolescentes em período escolar, devido às variáveis de idade, contextos em que essas pessoas estavam inseridas e a própria condição transexual

que os coloca que um espectro de necessidades que difere da maioria da população cisgênera.

As pessoas do grupo compartilharam seu projeto de vida de forma livre e espontânea, de acordo com a necessidade de cada um, foi percebido que este tema causou mobilização. Das falas emergiram as necessidades de adequações e cuidados corporais como cirurgia de retirada dos seios, depilação a laser, atividade física, tatuagens; ser empresário, prestar concurso, especializações nas áreas já cursadas e conquista de dinheiro, imóveis e veículos, falar outras línguas. As “pedras no caminho” que dificultam a conquista desses objetivos, foram identificadas, segundo as próprias pessoas, como sendo elas mesmas. Quanto aos recursos internos, falou-se sobre a necessidade de autoconfiança; não se boicotar; ser feliz sozinho; amar-se e buscar sentido da vida.

A constituição de família, em seu sentido tradicional de núcleo que agrega cônjuge e filhos, parece ceder lugar para a necessidade de fortalecimento das redes de apoio, a criação de vínculos com pessoas significativas através do cultivo de contatos com aqueles que os acolhem e aceitam, a necessidade de pertencimento possui lugar privilegiado quando se referem aos seus desejos no campo de relacionamentos.

O estudo de Graf e Diogo (2009) buscou analisar as projeções juvenis de 49 alunos do ensino médio sob uma ótica generificada, utilizou-se o método de redação para projeção ao futuro em dez anos, e, embora a instrução da atividade não remetesse à esfera laboral, todos os participantes destacaram a atividade profissional e formação acadêmica, sendo que, para os rapazes foi proeminente o discurso centrado no sucesso econômico, e quanto as moças, as escolhas profissionais e acadêmicas estavam ligadas às áreas de humanas, saúde e ciências sociais aplicadas associadas com a conquista de casamento e filhos, embora os rapazes também citassem a família em menor escala.

Os dados apresentados na pesquisa acima citada denotam os lugares sociais sujeitados pelas marcas de gênero que perpassam as escolhas, não somente às profissionais, assim como quaisquer outras estão forjadas pela constituição social de homens e mulheres (GRAF & DIOGO, 2009).

As marcas de gênero não apareceram explicitamente nas projeções das pessoas do presente trabalho. Os discursos não foram homogêneos quanto aos lugares sociais do feminino e do masculino, talvez pela quebra do status quo que a transexualidade provoca, estas pessoas parecem não se limitarem aos estereótipos de gênero.

O estudo realizado por O’Dwyer em 2016, que entrevistou quatro jovens transexuais femininas a respeito da feminização do corpo como projeto de vida, discorre sobre as transformações corporais almeçadas por essas jovens: retirada dos pelos corporais, deixar o cabelo crescer e adquirir roupas e acessórios socialmente tidos como femininos e início de terapia hormonal.

Conforme Arán e Murta (2009), deve-se levar em consideração o contexto social em que pessoas trans estão inseridas, em que, às transformações corporais são

atribuídos símbolos que remetem, muitas vezes, como única forma de reconhecimento social em decorrência da vulnerabilidade dessa população no país, porém, há aqueles que demandam das tais modificações como projeto vital para a constituição de si.

As entrevistas com usuários de serviços de saúde especializados em demandas de transexuais evidencia que as diversas trajetórias de vida propiciam experiências distintas no modo de construção de suas identidades, subjetivação e ressignificação acerca de gênero e transexualidade, dando-nos a dimensão das variações dos desejos, objetivos de vida e constante negociação entre representação interna e externa de pessoas trans (ARÁN & MURTA, 2009).

Pode-se compreender nesse estudo que a experiência transexual resguarda em algum nível a necessidade de modificação corporal, a fim de que a aparência externa seja reflexo da representação interna de suas identificações, por esse motivo, o projeto de vida de pessoas em transição de gênero é atravessado por tais desejos de transformações que são vivenciadas de formas diferentes para cada sujeito.

Essa constatação fica evidenciada nos discursos das pessoas que contribuíram com essa pesquisa. As diferentes necessidades de adequações corporais se apresentam como matizes de uma mesma realidade.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato teve por objetivo apresentar a experiência de pesquisa cuja intervenção realizada foi a facilitação de um grupo para pessoas em transição de gênero com a finalidade de construir o projeto de vida.

A complexidade da temática da transexualidade, suas implicações e a diversificação de contextos familiares e sociais, idades e experiências de vida das pessoas que ali estiveram contribuiu para o desafio de manejar os encontros cujas demandas, muitas vezes, requeriam um olhar mais acurado e de maior preparo profissional. Diante de tantos relatos profundos foi impossível permanecer intocada àquele espaço, por vezes, parecia-me uma grande colcha de retalhos, feita de histórias recortadas de pessoas estilhaçadas, na tentativa de juntar a si mesmos e dar sentido a esses fragmentos.

O mote da presença daquelas pessoas pareceu ser a representação do grupo como a oportunidade de compartilhamento de suas histórias de vida, decorrente da necessidade por espaço de fala e a busca por pertencimento.

Outro aspecto que merece destaque é o fato de que eu era a única pessoa cisgênera naquele espaço. Acredito que nesse sentido, a apreensão maior era de minha parte e não das pessoas do grupo, afinal, era preciso minimamente uma relação de confiança comigo para haver o encontro, a troca experiencial. Embora não tenha sentido resistência das pessoas do grupo, em muitos momentos me vi desafiada a enxergar a vida com as lentes dos que carregam a rotulagem marginalizada da transexualidade. Neste ponto faço a colocação, de que, aproximar-me dessas realidades tão subjetivas

está muito aquém de quaisquer conhecimentos teóricos.

Acerca do trabalho com grupos, em sentido amplo, considero que cada encontro é um fenômeno único e absolutamente irreproduzível, conforme o próprio grupo fomenta para. A riqueza de cada encontro é exatamente o que e a maneira como aconteceu em cada momento, entendendo o encontro como um espaço de fluxo livre em que todos pudessem se permitir à livre expressão de forma espontânea, possibilitando o contato autêntico, genuíno e transformador consigo mesmo e com os demais.

Vieira Filho (2001) descreve, o potencial terapêutico do grupo se dá somente por via da humanização e relação democrática entre os membros, rompendo as relações autoritárias há espaço de subjetividade, contradição, conflitos, confiança, empatia e ressignificação.

O lugar que me coube então, como facilitadora, era o da aproximação empática com a singularidade de cada ser humano, a compreensão através da escuta acurada da comunicação explícita, e facilitar a apropriação daquele espaço, respeitando o momento do despertar de cada pessoa, entendo o sujeito como possuidor e responsável por suas escolhas, de maneira a não controlar os resultados, tampouco as pessoas que compuseram o grupo.

Diante da discussão apresentada, compreende-se que nos projetos de vida das pessoas que participaram deste trabalho, há o elemento específico das transformações corporais por se tratar de pessoas em transição de gênero, quando comparado a outros estudos semelhantes realizados com cisgêneros. Contudo, foi evidenciado em todos os encontros a recorrência e prevalência das discussões acerca de sentido de vida, denotando que a questão relativa a própria existência sobrepõe e antecede até mesmo as mudanças corporais que a transexualidade implica.

Faz-se digno ressaltar ainda, que, a discussão aqui apresentada diz respeito tão somente às pessoas que participaram dessa intervenção e não tem a pretensão de representar toda a comunidade trans. Apesar de haver elementos em comum entre todas, como a necessidade de adequações físicas, mesmo em diferentes níveis para cada pessoa, pressuponho que se tratando de Projeto de Vida, este reflete o universo próprio e íntimo em sua forma de existência, e qualquer tentativa de generalização suprime as particularidades que constituem cada pessoa, para além da transexualidade.

Como já apontado por Martuchi e Vasconcelos (2019), em seu estudo sobre concepções de psicólogas(os) nos temas de gênero e sexualidades, ainda existem profissionais da Psicologia desatualizadas(os) e descompromissadas(os) com as questões de gênero emergentes no cenário atual. A Psicologia é convocada a refletir suas práticas e teorias no que tangem as vivências dissidentes de gênero, para que não produza e reproduza as violências que esta parcela da sociedade está exposta apenas por serem quem são.

Por fim, aponta-se a necessidade de mais pesquisas intervencionistas como recurso de oferecimento de espaços de convivência, trocas de experiências, escuta e acolhimento. Acredita-se que estes espaços também podem favorecer a construção de

conhecimento acerca da realidade vivenciada por pessoas transexuais e travestis, e assim, embasar novas práticas psicossociais que façam sentido para esta população.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, P. P. S. **Travestis envelhecem?** PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. 2010. Disponível em <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/Disserta____o_Pedro_Paulo.pdf> Acesso em 20 Set. 2017

ARÁN, M.; MURTA, D. Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. **Physis**, Rio de Janeiro. v. 19, n. 1, p. 15-41. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 Mar. 2017.

BENTO, B. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. 180 p.

BENTO, B. Brasil: país do transfeminicídio. **CLAM: Centro Latino Americano em sexualidade e direitos humanos**. 2014. Disponível em <http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio_Berenice_Bento.pdf> Acesso em 20 Set. 2017.

BUSIN, V. M. A violência que se monta. **Psico. Usp**. n. 2.3. 2016. Disponível em <https://issuu.com/psicologia_usp/docs/revista_psico.usp_n._2-3_2016> Acesso em 20 Set. 2017.

COORDENADORIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A DIVERSIDADE SEXUAL. **Guia do CR LGBT**. Campinas. 2011. Documento interno.

DELLAZZANA-ZANON, L. L.; FREITAS, L. B. C. Uma Revisão de Literatura sobre a Definição de Projeto de Vida na Adolescência. **Interação Psicol.**, Curitiba, v. 19, n. 2, p. 281-292, maio/ago. 2015.

GRAF, L. P.; DIOGO, M. F. Projeções juvenis: visões ocupacionais e marcas de gênero. **Revista brasileira de orientação profissional**. 2009.

GIONGO, C. R.; MENEGOTTO, L. M. O.; PETERS, S. Travestis e transexuais profissionais do sexo: implicações da Psicologia. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. 4, p. 1000-1013, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000400017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 Set. 2017.

HASS, A. P.; RODGERS, P. L.; HERMAN, J. L. **Suicide attempts among transgender and gender non-conforming adults**. Los Angeles, Califórnia: The Williams Institute e American Foundation for Suicide Prevention, 2014.

JESUS, G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília. Dezembro. 2012. 42 p. disponível em <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989> Acesso em 10 Set. 2017.

MARTUCHI, R. R.; VASCONCELOS, T. P.; **Identidade de gênero e sexualidades: concepção de psicólogos(os)**. In: Sexualidade e relações de gênero 2. Denise Pereira (org). Ponta Grossa (PR). Atena Editora. v. 2. p. 290-302. 2019. Disponível em <<https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/01/E-book-Sexualidade-e-Rela%C3%A7%C3%B5es-de-G%C3%AAnero-2.pdf>> Acesso em 12 Março. 2019.

O'DWYER, B. Feminização como projeto de vida de jovens transexuais. **Enfoques**. Rio de Janeiro, vol. 15, 2016. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/enfoques/article/view/12634>> Acesso em 23 Set. 2017.

RODOVALHO, A. M. O cis pelo trans. **Estudos Feministas**. Florianópolis. 2017. Disponível em <

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2017000100365&script=sci_arttext&lng=pt> Acesso em 23 Set. 2017.

SILVA, G. W. S. **Existências dissidentes e apagamentos: fatores associados à Ideação Suicida em pessoas transgênero**. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. 2016. Disponível em < <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/22608>> Acesso em 10 Set. 2017

VIEIRA FILHO, N. G. V. **O processo dialógico na atenção terapêutico psicossocial: contribuições de Paulo Freire**. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas: Departamento de Psicologia. 2001. Disponível em <<http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/seminarios/oral19.pdf>> Acesso em 30 Out. 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem Centrada na Pessoa 116, 117, 118, 119, 126, 127, 134
Aborto Espontâneo 165, 166, 170, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180
Adultização 63, 64, 65, 68, 69
Agressividade 70, 75, 76, 79, 80, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 90
Agressores 91, 92, 93, 94, 95, 97
Atendimento Clínico 29, 79
Autismo 6, 26, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 56, 58, 59, 60, 61, 223

B

Bullying 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99

C

CAPS 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197
CBCL 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 11
Coaching 198, 204, 205, 206, 211, 214
Continuum de Mudanças 116, 121
Contratransferências 101
Creche 53, 58, 62, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 127
Criança 1, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 30, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 97, 108, 127, 148, 162, 169, 172, 186, 215, 216, 223
Curso de Administração 198, 210, 213, 214

D

Depressão 6, 7, 11, 82, 95, 131, 133, 140, 147, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 177, 178, 179, 191
Dialética 27, 28, 36, 47, 132, 134, 143

E

Educação Estruturante 51, 52, 55, 56
Educação Infantil 11, 12, 52, 60, 61, 70, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 80, 84, 85
Educadores 32, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 83
Equoterapia 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98

F

Falante 14, 15, 16
Fatores 11, 29, 35, 93, 94, 96, 98, 104, 111, 132, 138, 145, 149, 154, 155, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 169, 170, 171, 172, 175, 200, 202, 204, 216
Formação Continuada 27, 30, 31

G

Gravidez 147, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 169, 170, 172, 174, 175, 180

Grupo 7, 14, 31, 42, 43, 52, 53, 54, 55, 71, 92, 94, 113, 125, 134, 135, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 165, 166, 167, 168, 171, 188, 189, 191, 195, 200, 203, 215

I

Inclusão 5, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 94, 154, 163, 181, 182, 188, 213

Inclusão-exclusão 27

Infância 11, 51, 55, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 98, 133, 146

L

LGBT 150, 151, 152, 159

LRFFC 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25

Luto 78, 171, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180

O

Ouvinte 14, 15, 16, 17

P

Perfil Comportamental 198, 199, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 214, 215

Primeira Infância 70, 71

Problemas de Comportamento 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 147

Projeto de Vida 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 177

Psicanálise 51, 52, 53, 56, 58, 61, 62, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 83, 84, 89, 90, 100, 101, 104, 105, 106, 108, 110, 112, 113, 114, 115, 131, 171

Psicologia 2, 6, 8, 12, 13, 14, 27, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 63, 64, 68, 69, 70, 71, 72, 78, 79, 84, 90, 91, 93, 95, 98, 100, 115, 116, 117, 127, 128, 137, 138, 140, 145, 148, 150, 152, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 166, 171, 172, 173, 174, 180, 181, 195, 196, 198, 205, 213, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 227

Psicologia Escolar 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 78

Q

QI 1, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11

R

Relações Familiares 173

S

SARAU 181, 182, 183, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197

Semblante 51, 52, 58, 59, 60, 61, 62

SON-R 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 12

Supervisão 41, 45, 94, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 134

T

TEA 14, 15, 16, 17, 19, 38, 40, 42, 46, 47, 49, 223

Tendência à Realização 116, 117, 119

Terapia Cognitiva 131, 132, 138, 140, 141, 143, 144, 173

Terapia Comportamental 12, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 139, 141, 143, 144, 173, 174, 175, 178

Terapias Cognitivas e Comportamentais 128, 130, 131, 132, 138, 141, 143

Terceira Onda 128, 129, 130, 132, 133, 135, 138, 141, 142, 143, 144

Transição de Gênero 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158

Transtornos Mentais 3, 12, 128, 129, 130, 134, 143, 147, 169, 170, 173, 176, 183, 185, 186, 187

U

Usuários 157, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 197

